

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

V A C A

Ballada triste

Os portugueses do Rio de Janeiro ofereceram ao ministro brasileiro das Relações Exteriores uma vasta placa de bronze. Quizeram com isso homenagear o homem que obrigou os membros de um congresso qualquer a ouvirem discursos no grego de Camões.

Mais uma vez o Brasil defendeu o que em Portugal chamam de patrimônio comum da raça. Defesa que cabia aos lusitanos. Mas não tendo mais força nem autoridade para isso arranjaram advogado convencendo-o de que também tinha interesse na causa. De forma que não pagam honorários. Contentam-se em dar um presentinho de tempos em tempos.

Está tudo errado. A língua portuguesa não é patrimônio comum da raça. Primeiro porque não há raça mas raças. Segundo porque não há língua mas línguas.

O português diz que sim. Prêga a unidade e tal. E' a cousa de sempre: quando estava de cima só gritava eu, agora que está por baixo faz questão do nós.

Essa união luso-brasileira é que nem aquela de Mutt e Jeff deante do cinema numa caricatura de J. Carlos:

— Vamos fazer uma vaca, Jeff?
— Vamos: você entra com dez tostões e eu entro com você.

Sem tirar nem pôr.

Eu estou hoje inhabitavel...

Não sei porque,

levantei com o pé esquerdo:

meu primeiro cigarro amargou ná minha bocca como uma colherada de fel.

A tristeza de varios corações bem tristes veio, sem que, nem porque,

encher meu coração vazio... vazio...

Eu estou hoje inhabitavel...

A vida está doendo... doendo...

A vida está toda atrapalhada...

Estou sozinho numa estrada

fazendo a pé um "raid" impossivel.

Eu estou hoje inhabitavel...

Ah! si eu pudesse me embebedar

e cambalear... cambalear,

e cahir, e acordar desta tristeza

que ninguem, ninguem sabe...

Todo mundo vae rir destes meus versos...

Mas eu juro por Deus, si fôr preciso,

que eu estou hoje inhabitavel.

(BELLO HORISONTE)

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ABGAR RENAULT

"De idea superior em idea superior, nós acabaremos por não ter mais ideas".

PRUDHON

POMO ROIDO

L I T E R A T U R A

(do Nuvem de Gafanhotos)

RUY CIRNE LIMA

Assim?!...

Não! eu não te quero mais...

Quando eu parti, deixei-te quasi verde ainda,
Pendente de um pequenino ramo ignorado.

Até te confundias com os renovos...

Mas o ramo cresceu,
Vieste espiar a estrada,
E ahí amadureceste, rubra, ao sol de Julho...

E, longe,

— Quem via eu me esquecer daquella manguita
quasi verde ainda,

Que eu reservára para a volta?!...

Não! eu não te quero mais.

Ha vestigios de outros dentes na tua polpa...

(FORTALESA)

FRANKLIN NASCIMENTO

ESTA REVISTA PUBLICARA' NOS PRÓ-
XIMOS NÚMEROS TRABALHOS DE:

A. C. Couto de Barros

Prudente de Moraes, neto

Mario de Andrade

Jorge Fernandes

Sergio Milliet

Jayme Griz

Carlos Drummond de Andrade

A. de Lymeira Tejo

L. Sousa Costa

Rosario Fusco

Yan de Almeida Prado

Um dia, o menino pediu uma historia.
Estava doente, aborrecido.

Ninguem se resolvia a contar uma histo-
ria.

Então, no seu inconsolavel desconsolo, o
menino doente começou a fazer uma historia
nova com pedaços de velhas historias. Só sa-
bia tres: a historia do Negrinho do Pastoreio,
a da Bela-Adormecida e a da menina que os
porcos comeram.

Os seus olhos amuados se velaram de
uma luz, quasi sombra. Por acaso, todo mun-
do se calou em volta da cama.

“ — Não vê que o encantamento princi-
piava no nascer da lua. Todas as luzes do pa-
lacio estavam acesas. E ficou uma chama de-
finitiva na haste de cada vela.

Ora, o Negrinho do Pastoreio, que anda-
va pastoreando por alí a sua tropilha de tor-
dilos, de longe, pensou que fosse promessa.
E lá se tocou, abrindo picada entre os espi-
nheiros, para saber o que é que se perdera.

Negrinho criado no mato, sem os costum-
es da gente...

Entrou. E viu que ninguem perdera na-
da. Toda a gente dormia em pé, no palacio
da Bela.

Podia ser milagre de Deus. Podia ser
maleficio. Depois, o Negrinho, que vive só
de noite, não sabia o geito dos homens vive-
rem cada dia.

De repente, pensou que tinha achado...
Fez o que achara para fazer, e se foi embora.

E tinha feito o sonho, que e a vida den-
tro do sono.

O velho rei, sonhando, se via só, no pa-
lacio vasío. Só. Com a lembrança da rainha
e o sentimento do mando. (No entanto, o Cas-
telo da Bela estava cheio de cortezãos, de da-
mas, de lacaios.)

Vai, o velho rei mandou que entregas-
sem a rainha aos porcos como ceia.

Infelizmente, era sonho.”

(PORTO ALEGRE)

COMO ME TORNEI ESCRIPTOR BRASILEIRO

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

Lendo os escriptores estrangeiros (E note-se que de-
testo o paradoxo, a ironia e
todas as deformações de sen-
tido). Lendo e pensando no
Brasil. Lendo e comparando.
Era ver a descripção de uma
paisagem exotica, vinham-me
à ideia as nossas paisagens.
Achava logo a differença. Pa-

tem dito que só faz por co-
nhecer países estrangeiros
para ficar amando cada vez
mais o seu país. Mas dá cer-
to, a menos que o sujeito não
tenha senso objectivo ne-
nhum nem discernimento.
Ou seja daquelles que, cui-
dando estarem pensando no
Brasil, estão pensando é na

leiro ainda me faltava escre-
ver em brasileiro.

Ora, eu nasci num tempo
em que ainda se falava por-
tuguês no Brasil.

Inventei, assim, outro sys-
tema: ler os classicos (por-
que não posso deixar de ler
Bernardes, frei Luis de Sou-

à la Revista de anthropophagia

*Les grands hommes sont modestes
c'est la famille qui porte leur
orgueil comme des reliques*

M. de Acosb.

ra fixar traços differenciaes
não ha como pôr uma coisa
defronte da outra.

E assim os costumes, as
paixões, etc.

Quis adoptar o mesmo me-
thodo no cinema, mas o cine-
ma tem pouca variedade. E' a
arte dos directores. Só os qua-
dros nocturnos servem de
pontos de differenciação.

E' um processo pouco ori-
ginal porque muita gente já

Grecia antiga ou no mundo
da lúá.

O methodo é, porém, de ap-
plicação difficilima. Quem se
acha embebido em obra-pri-
ma da estranja não tem ne-
nhuma vontade de alternar a
atención, desse modo, porque
perde o fio da leitura, perde
o tempo e perde ainda mais
se, por isso, se tornar nacio-
nalista...

E para ser escriptor brasi-

sa, etc.) por cima, como quem
está traduzindo, fazendo de
conta que é castelhana, pro-
curando apenas o sentido.

(Lingua pega como visgo).

Não sei se dará resultado.
Mas o diabo é que, além das
palavras, não acho nada nos
classicos...

(Parahyba do Norte.)

2 POETAS

AUGUSTO MEYER — GIRALUZ — PORTO ALEGRE — 1928.

A poesia de Augusto Meyer tem uma força que a gente sente logo de saída e fica respitando. A linguagem bate de chapa e não se esborracha porque dentro há um sentido á prova de fogo.

Nada de canto de passarinho. Meyer quando desentruva a voz de barítono é para fim certo e medido. E canta cousas robustas. Não é um terço. Ou melhor: não é um piegas. A ternura dêle é máscula, Meyer sempre domina as paisagens, os sentimentos, as cousas. Vai pelo mundo enrolado na força do sol mas não dominado.

Há uma inquietação nos seus versos que muito provavelmente Daniel Rops incluíria na que êle definiu como moderna. Inquietação que apesar disso tem ás vezes acentos antigos como aquêle Mãe, eu quero o sol! já gritado pelo Osvaldo de Ibsen. Em todo o caso a tristeza através da qual essa inquietação por acaso se revela é medida como tudo no poeta.

Voz equilibrada que nunca desafina, capaz de agudos truculentos mas incapaz de soltar um só para prazer das galerias, Augusto Meyer se afirma no sul brasileiro um dos valores mais certos da literatura tão embrulhada dêste país e dêste momento.

Digo isso apoiado neste Batuque (e há muita cousa igual no Giraluz):

Negramina que morreu
currupáque pá páque!
dança batuque dança,
e o olho claro da lua espia na crista
da serra.

Ficou tudo gelado arripiado no friume
lunar.
O caminho branquinho mergulha na
boca do mato.
Marulha a saudade gemente da pedra
calcárea na fonte,
olho d'agua glonglona e a cachoeira
chóra — uah!

De noite na estrada as carretas vêm
do outro mundo.
Vagalume accende e apaga, pisca-pisca.
Corta o escuro o assobio do gury sóli-
to que foi para o povo.

E batuque batuca:
negramina que dança que dança e que
dança
toda a noite — uê!

O gallo cantou lá na serra, longe...
lá...
Parecia que tinha uma estrella de or-
valho na voz.

Mas batuque não cança e batuca toda
a noite — uê!
Negramina que dança que dança e que
dança toda a noite — uah!

MENOTTI DEL PICCHIA
— REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — S. PAULO — 1928.

O que me parece mais curioso e mais clogiável nos livros de Menotti Del Picchia é que êles nunca satisfazem a gente. A obra de Menotti é uma fita em séries. Quando vai chegando no momento gostoso pára: continua no proximo livro. De forma que o interesse está sempre alerta e insatisfeito, pedindo mais.

Sujeito por demais talentoso tem a

manha de um gato: brinca, brinca, brinca, agarra o rato, a gente torce para que êle engula, êle vai e não engole.

E faz tudo isso sem cansar o espectador. Porque o jôgo dêle tem sempre aspectos inéditos, o jogador é excelente, a gente sente que a vitória não lhe pode escapar. Atrai inelutavelmente portanto. A assistência (nem se discute) voltará para os jogos seguintes cada vez mais numerosa e interessada. Façanha de que poucos são capazes.

Assim o Republica dos Estados Unidos do Brasil como todos os livros dêsse brigão da reação brasileira não é definitivo. Jamais se dirá para efeitos de critica que êle é o autor de tal poema, romance ou conto. Não poderá ser julgado senão através de sua obra considerada em conjunto. Cada livro é um pedacinho e uma continuação.

Nêste Republica a gente encontra todas as qualidades do autor mas não as qualidades inteiras do autor. Será um quinto andar por exemplo. E só Deus sabe quantos ainda virão. Fazenda, Tarde Fazendeira, a terceira parte da Torre de Babel, Drama, A noite africana, Banzo, tanta cousa e tanto lirismo envolvente firmando Menotti no lugar que êle conquistou na literatura nacional de agora e deixando adivinhar e desejar o que êle conquistará querendo na de amanhã. E olhem que o homem não tem medo de nada: é poeta, é romancista, é jornalista, é contista, é crítico, orador, desenhista (as figurinhas do Republica são dêle mesmo), é o diabo o diabo do Menotti.

A. DE A. M.

O HOMEM QUE EU COMI
AOS BOCADINHOS

Elle me amolava tanto que eu já o tinha de olho para um churrasco.

Uma vez elle falou em "Amor por principio".

Eu achei que uma citação dessa merecia uma dentada. E ferrei-lhe os dentes.

Outra vez sahiu-se com "A ordem por base".

Eu me indignei tanto que morde-lhe de novo.

De uma feita, passeando com elle, ouvi de sua boca "O progresso por fim".

Era demais!

Rasguei a carne do "cidadão" a custa de dentadas.

Agora elle anda branquinho por causa da brancura do esqueleto.

Eu comi toda a carne d'elle e sómente deixei a lingua avermelhando na alvura da caveira.

Eu deixei a lingua de proposito.

E quero ver si elle tem coragem de me dizer "Viver para outrem, viver ás claras".

Si elle disser, então morrerá como peixe: pela boca.

O coitado é positivista, e talvez por isso estava com a carne mesmo no ponto de ser comida.

E eu comi.

JOÃO DO PRESENTE

A PESCA MILAGROSA

(do Samburá)

De primeiro,

eu ia lá pra biquinha

— aquella biquinha tão boa da minha terra —

arrumava o anzol nagua

e ficava esperando o peixe.

Acontece, porem,

que o peixe não vinha nunca.

Mas, mesmo assim,

todo o dia eu ia pra biquinha,

mesmo sabendo que o peixe não vinha nunca,

só pra ter aquella esperança,

aquelle prazer de esperar o peixe.

(RIO DE JANEIRO)

AZEVEDO CORREA FILHO

CARTA A ORRIS BARBOSA

Você é um sujeito inteligente, e, por isso, vai merecer que eu perca alguns instantes de minha vida exgotada para lhe dizer duas palavras como resposta à parte que me toca no seu artigo sobre a Revista de Antropofagia.

Primeiro que tudo eu estou de pleno acordo com você: — o meu poema Bahia é uma jossal... Mas não é uma jossal pela questão-rítmica que você julga, erroneamente, influenciada por João de Deus.

Elle é uma jossal porque foi uma simples brincadeira que eu fiz só para meter o pão nas tendências oratorias dos bahianos.

Eu passei lá e comi aquellas comedorias gostosas que valem mais do que qualquer literatura minha, sua ou seja lá de quem for...

E vi o bahiano discursando em vez de comer! Perdendo tempo.

Ora, quando a creada diz a você: "Seu Orre a janta tá na meza", estou certo de que você, nordestino como eu, e, como eu, filho de tres raças gulosas, das quaes duas antropofagas e uma que fazia pratos pra comer do tamanho da lua cheia no nascedouro, não ha de continuar com os olhos fitos no papel (caso esteja produzindo) para deixar a comida ficar fria.

Não; parece que estou vendo você avançar pra cima das buxadas, dos mocotós, das feijoadas com tripa de porco e cabeça do dito, que é aquella desgraçeira!

A menos que você não seja empalemado, ou sofra de sezões, ou de espinhela caída, ou do tan-

golo, ou do mangolo, ou da molestia do ar...

Mas, como ia dizendo: comi as comidas gostosas da Bahia e dei um berro de entusiasmo!

O diabo da literatura, entretanto, me estragou o poema, que teria sido excellente, como obra de modernidade, se eu tivesse posto em jogo nelle apenas um sentido: — o do paladar.

Por isso é que elle é ruim; pela métrica não.

Porque a sua afirmativa de que é de João de Deus a métrica de cinco sílabas nelle usada por mim, só serve para comprovar, mais uma vez, quanto essa mania de cultura estraga a mentalidade do brasileiro.

Ora vejamos: Você tem ahi cantando no pé do ouvido os versos do Martelo:

"Lá no meu sertão,
Tem muita quixaba,
Que é cumê de caba,
Tambem de cristão...
Faz massa na mão,
Dá dô de barriga,
Tem caba do aço
Qui morre e não briga!"

e vem falar de João de Deus, o qual escreveu, realmente, alguns versos de cinco sílabas, todos quase, entretanto, ajustados em quintilhas, enquanto a forma do Martelo é sempre de oitavas!

Alem disso você não notou que eu vou fazendo alternativas para outros metros, continuando, comtudo, absolutamente rítmico o conjunto:

Recife é bonito, — 5
Recife tem pontes, — 5
Tem "bois" tem Reisados, — 5

Tem Maracatús... — 5
Porem o Recife — 5
Não tem mais as Evas — 5
De chales vistosos — 5

Vendendo de tarde — 5
Peixe frito — 3
Agulha frita — 4
Siry cosinhado — 5
Pirão de aratú! — 5
Emquanto a Bahia tem tudo e
inda mais! — 11

Essas alternativas, e sobretudo as passagens por mim realizadas dos ritmos mais marcados para os ritmos mais dissolutos, são o que constituem algo de modernidade em meus poemas.

Antes de você ler João de Deus, bichão, cuja unica aproximação com minha poetica é ter sido um cantor popular em uma lingua de onde a nossa lingua nasceu, precisa prestar atenção ao modo de versejar dos cantadores da zona da matta e do sertão, e, bem de pressa, se convencerá de que, em meio do modernismo brasileiro, eu constituo um caso aparte.

Um caso ruim, convenhamos, mas, em todo caso, sempre um caso...

Deixe, pois, João de Deus em paz para escutar violas, meu bem, depois entre na carnificina que a mocidade brasileira está fazendo para banquete da geração de amanhã.

Mesmo porque, se você não entrar na dança entra na faca! Vamos!

Pega o pirão, esmorecido!!!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

JA' SAIRAM:

Menotti del Picchia: Republica dos Estados Unidos do Brasil (versos)

Augusto Meyer: Giraluz (versos)

Mario de Andrade: Macunaíma (historia)

Antônio de Alcântara Machado: Laranja da China (contos)

José Americo de Almeida — Bagaceira (romance)

VÃO SAIR:

Paulo Prado: Retrato do Brasil (ensaio sobre a tristeza brasileira)

João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Pedro Nava: Antologia de 4 poetas mineiros

Guilhermino Cesar — Meia-pataca (versos)

DIABO BRASILEIRO

JORGE DE LIMA

Enxofre, botija, galinha preta.
Credo em cruz, capeta, pé de pato.
Diabo brasileiro, dente de ouro, botija onde está?
Credo, capeta, pé de pato!

Diabo brasileiro quero saber quando dá
a dezena do carneiro!
Enxofre, botija, galinha preta.
Credo em cruz, capeta, pé de pato.

Capeta, dente de ouro, tome galinha preta,
quero dormir com a Zefa!
Capeta, bode preto, quero dormir com a Zefa!

Capeta, diabo brasileiro, só lhe dou galinha preta!
Capeta quero casar com a Zefa, quero que são
Vigario
me case logo com a Zefa!

Capeta tome galinha preta!
Capeta, diabo brasileiro, quando dá
a centena do macaco?
Quero quebrar banqueiro, capeta damnado, pé de
pato,

dente de ouro, cheiro de enxofre, tome galinha
preta!

Capeta, pé de pato, quero acertar com o bicho,
quero comprar gravata, botina de bico fino

terno de casemira pra quando Zefa me vê.
Capeta, pé de pato, tome galinha preta!

Capeta, pé de pato, dente de ouro, quero dente de
ouro,
quero capa de borracha, punho engommado,
camisa,
bengalla castão de ouro, capeta, pé de pato,
tome galinha preta!

Quero saber suas partes, suas sabedorias,
quero saber mandingas,
Capeta, pé de pato, tome galinha preta,
que eu quero quebrar banqueiro, que eu quero
tirar botija,
que eu não quero é trabalhar, que eu também sou
brasileiro!

Capeta, tome galinha preta,
que eu quero saber embolada,
quero saber martello, quero ser um cantor,
capeta, quero dizer a Zefa, essa queentura de amor!
Capeta tome galinha preta, que eu quero casar
com a Zefa!

Por Deus, que eu quero, capeta, pé de pato!
Tome galinha preta!

(MACEIO')

~~~~~

## O TRAVO

SEBASTIAO DIAS

Talvez não fosse só o capricho. De-  
mais, se confessava impotente pra ana-  
lisar seu drama íntimo.

Dizia drama conscientemente: ain-  
da acreditava que o teatro e a vida  
se plajavam mutuamente. O cinema  
seria assim uma espécie de gigolô de  
ambos. Nunca lhe importara quem fos-  
se o coronel.

A princípio quiz fazer sua vida. Or-  
denou-a, catalogou-a e preparou-se pra  
realizá-la. Como tinha algum tacto, bo-  
tou na conta imprevistos e acidentes.  
Mas sem particularisar ou discriminar.

E foi se aguentando algum tempo.  
O primeiro mez, o segundo... Apenas  
uma coisa sem importancia: uma que-  
da. Algo perigosa: ficou em estado de  
choque, passou uns dias de cama.

Ficou radiante porque comemorou o  
aniversario na data justa que havia  
marcado: 8 de novembro, puxa! não  
houve nenhum contratempo e por  
cumulo de coincidência o dia 8 de no-  
vembro caiu numa sexta-feira. Tal-  
qualmente havia previsto.

Mas quando chegou neste ponto, per-  
cebeu uma coisa seria: o amor. Aliás  
todas as coisas lhe pareciam sérias e  
respeitáveis, inclusive as circunspe-  
ctas propriamente ditas. Propriamente  
ditas pelo dicionario, pelas pessoas  
mais velhas ou livro de máximas.

Depois, antes mesmo de escrever  
qualquer regulamento sobre a nova  
descoberta, pensou que o amor não  
era uma coisa, mas um problema. Re-

zolúvel? Não lhe importava por em-  
quanto que não lhe tinha sido pro-  
posto. E se admirou disso não ter si-  
do ainda objeto de suas coitações.

Falava assim "disso" com certa su-  
perioridade especialmente com os ou-  
tros. Se decidiu a se por em equações  
e se solucionar com presteza. Depois  
pró que viesse applicaria a formula  
conseguida. Seria, quando muito uma  
simples prova: real ou dos nove.

Não acertou a principio. Recome-  
çou. Com paciencia, com método, até  
que enfim se convenceu da inutilida-  
de pelo menos actual das matematicas.  
Todas elas. Sem excetuar mesmo a ta-  
boa de Callet, o calculo das probabi-  
lidades e as vertijinozas geometrias  
não euclideanas de Riemann, Loba-  
tchewsky e epigonos.

Nova admiração. Então o negocio  
não era tão sinjelo. Exorbitava das  
ciencias exatas. Falar verdade não en-  
contrava a minima particula de amor  
naqueles estudos. Mas procurava se  
convencer modestamente que não pes-  
quizára bem, pra salvar, o prestijio  
dos numeros.

Se dirijiu com ardor prás ciencias  
biologicas. Necessariamente elas ha-  
viam de lhe esclarecer qualquer coi-  
za. Não se ia adiantando quazi nada.  
Mas se satisfazia pelo pasmo quotidia-  
no de descobrir novas sendas da sa-  
bedoria humana. Se conteve pra não  
publicar com escandalo suas desco-  
bertas; muito ao contrario do pensar

de seus mestres verificava de visu ha-  
ver algo alem dos numeros.

Estudou com afinco muitas materias.  
Se esqueceu de metodos e catalogos.  
Só tinha uma preocupação. Um dia  
deu adeus á vida e se recolheu na so-  
litude.

Muito tempo. Sempre a pensar no  
magno e unico problema. Tinha fuji-  
do dos homens mas a humanidade não  
lhe fez o mesmo. Aquela complicada  
maquina social e administrativa que  
conhecera nos livros puzera seus ser-  
vidores na sua pista.

Foi para a prizão. E fizeram-lhe per-  
guntas. Como ha muito não utilisasse  
da linguagem articulada, porque esti-  
vesse fóra do trato de seus semelhan-  
tes, não os compreendeu nem lhes  
poude responder. Fez sinal que escre-  
vessem.

Leu então que lhe inquiriam do seu  
nome, idade e sexo.

Olhou com profundo espanto pra  
todos aqueles fieis cunpridores da lei,  
pra todo aquele aperato solene de re-  
cepção e mudando o semblante pra  
uma encantadora injenuidade e pie-  
dade indizível, escreveu tres vezes com  
uma bonita letra, clara e separada:

NÃO SEI.

Em seguida na mizericordioza supo-  
zição que não entendessem todos tra-  
duziu a inscrição em dezoito idiomas  
e dialetos.

(RIO)

# OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

## O JARDIM PUBLICO

IV

A timidez da rapariga, ainda mal familiarizada com o lugar, fizera com que um impulso repentino a nivelasse com as mais reles frequentadoras do passeio. Quando a mulher se oferecia tanto, o homem inversamente se retraiu e a aproximação perdia-se. Naquela feita, embora com decrescimo, a mulatinha obteve mais exito do que esperava apesar do repente que lhe escapara; seu aspéto infantil, novidade na zona duvidosa, causou grande interesse no grupo dos sargentos.

Para cercarem o rancho das mulheres foram os rapazes até o melhor ponto de espera do percurso, na encruzilhada fronteira ao coreto. Alinhados pelo cotovelo como si estivessem na revista, ficaram á espreita na beira do caminho onde tinham subido para enxergar melhor. Resistiam aos encontros no anseio de distinguir a rapariga e as companheiras na turba que passava, esforço cada vez mais custoso devido á affluencia cada vez mais densa de gente naquele momento. A dificuldade do exame ainda era aumentada por causa dos colegas espalhados pelo parque, passeando ociosos, e que se juntavam aos sargentos, demorando-se em contar ou trocar pilherias antes de seguir na esteira de alguma saia. Estavam por ali, como todos, á procura de aventuras. A prosa com os militares encontrados pelo caminho não passava de pretexto para esperar alguém que desejavam descobrir no redemoinho.

Nessa altura o modo como um conhecido se abeirava de outro não variava, era sempre alusivo ao que ambos vinham fazer no parque. "Então pirata, sempre invocando?" "Que é que está fazendo aí?" "Esperando a Deusa?". Ou, ainda, "Que tal hoje, vae ou não vae?". A que o interrogado respondia: "Fica firme, banca como eu o Firmiano Pinto."

Havia por esse tempo o costume de dar o nome do prefeito da cidade a uma porção de significados de firmeza, calma, espreita, e palavras parecidas. A razão não provinha de qualquer ato extraordinario praticado pelo administrador, que foi dos apagados que S. Paulo teve, porém tão sómente pelo que sugeria a assonancia de Firmiano. Durante muito tempo o linguajar paulista fez deste nome um adjetivo, que se tornou corrente e durou além do governo daquele prefeito.

Entre os frequentadores do Jardim havia também familiarismos mais restritos, que giravam incansavelmente entre a soldadesca afeiçoada ao parque.

O mais conhecido era a historia da onça. Circulava pela rapaziada, branca ou mestiça da "Força", a graça que asseverava odlaem as onças aos pretos. Diziam concistir numa terrivel ogeriza, sempre crescente desde a hora em que uma cangussu' vira um preto mina. Daí exclamava lógo o soldado ao ver a negrada atulhando o parque, "Imagina uma onça solta agora, não ficava nem uma tia para mostra!", e por mais que repetisse a mesma cousa, sempre em torno dele ecoavam gargalhadas. Alguns acrescentavam modificações ou imaginavam variantes, "Qual o quê, tem cada cara no meio dos João que si a onça enxergava era capaz de morrer de susto!". Decorrente desta modificação nascera outra inventada por um soldado nordesta, fazedor de quadrinhas e contós, que percorriam o quartel em que ele estava indo até aos officiaes. Narrava a historia do domador de circo que pretendeu alimentar enorme onça com as negras do Jardim. Para aquele "artista", (denominação que o povo dá a todos que se exibem em publico) conseguir seu intento foi preciso trazer a onça perto do tanque, onde solta investiu contra as mulheres que passavam. Não demorou muito voltou o bicho fugindo apavorado de uma preta que gritava, "Que onça linda, meu Deus! Mais bonita do que defunto Binidito meu marido...", ao passo que a perseguida apelava para o dono afim de que a protegesse da mulher. A historia, e semelhantes, estava afinada á ingenuidade do auditorio, na maior parte, composto de homens vindos da roça ou de sertões longinquos.

Longe de onças e de perigos demoravam as mulheres em aparecer. Com o tempo aumentou a impaciencia dos rapazes. A desordem na multidão fizera com que elas tivessem relado por diversas vezes o grupo sem serem percebidas.

A demora irritou o mais magro dos sargentos que acusou os outros do desencontro.

— Nós devia ter falado lógo com elas. Vocês são lerdo mesmo. Assim não dá certo, quem faz cavação não dorme.

Da censura partiram apreciações obcenias feitas por todos do grupo acerca das mulheres em geral, e daquelas que esperavam no momento.

— Vae ver que já foram embora.

— Parece mesmo...

— Vamos então esperar até o maxixe?

— Eu não espero. Até o maxixe é muita coisa, vou embora.

— Eu também, mas vamos esperar ainda um pouco.

— Que'sperança, já passaram, perto de nós mais de um par de vez. Ficar aqui comendo mosca não é comigo, si vocês quizer ficar fique, eu vou embora.

Era costume da banda terminar o concerto com musica de dança, que no momento estivesse em móda. Muitas pertenciam ao regente Lorena, que grangeara fama graças á difusão dos seus trabalhos em revistas de theatros populares. Quando os soldados da policia a ele se referiam davam-lhe um "Êta" admirativo antes do nome, que deste modo entrada no rol das cousas admiraveis da Força Publica. Também os sargentos partilhavam da admiração dos colegas porém o insucesso da espera tornara-os mal humorados.

A insistencia de um deles venceu a resistencia dos outros. Dirigiram-se devagar em direção da saída percorrendo com a vista todos os vultos femininos que alcançavam.

— Eu conheço aquele pessoal, é rampeiro, não vale a pena perder tempo...

— Ah! Você conhece? Indagaram os outros interessados.

— Já estiveram de-já-hoje por aqui. Eu estive manjando elas, tinha um grupo pronto para entrar na conversa, quando chegou o grude do Colatino que estragou tudo. Fiquei com uma raiva...

— Será então o pessoal do vinte-quatro? A Mariasinha me disse que estava esperando as raparigas que estiveram no mez passado em Campinas.

— Não é não. Eu passei lá hontem. E' outro pessoal, desconfio que foi a mais alta que pegou um fubá no Zé Maria.

— Qual é delas?

— A vestida de branco com sapato preto.

— Qual o quê, não é essa não, essa que você fala já sei quem é, estava por aqui mesmo, mas tinha uma gola vermelha na blusa...

Todos riram.

— Da pirataria nem rato escapa, nem a blusa vermelha da tia! O gadinho que rodeia o tanque é a mesma coisa que malandro que tira escacha na rua 7 de Abril.

— Vamos voltar?

— Cé doido homem, vamos embora. O mais corpulento dos tres apoiou o convite.

— Na vespera de riscar o punga a gente afia a espora na cama...

(Continua)

## BRASILIANA

VI

## FOLHETIM

Do romance *O soldado desconhecido* (O heroico legionario brasileiro), de Zenato d'Alvamil, ed. da Casa Editora Vecchi do Rio de Janeiro, fasc. II, cap. XXIII intitulado *O guerrilheiro Ab-El-Akrim*, p. 171:

"O guerrilheiro, acostumado ao seu dominio absoluto, estranhou a resistencia inesperada daquella jovem e perguntou friamente:

— Quem és tu e de onde vens?

Nélia, num tom firme que surprehendeu a todos os presentes, immediatamente respondeu:

— Chamo-me Nélia e sou noiva do Soldado Desconhecido; quanto ao logar de onde venho, basta que saibas que fui raptaada covardemente pelo teu bando de malfeitores!

.....  
Aquella captiva era a noiva do Soldado Desconhecido!...

Que maravilhosa presa!"

## CIVISMO

Circular distribuida pelo Gremio Silva Jardim de Niteroi (agosto de 1928):

## "GREMIO SILVA JARDIM

entidade civica nacional

(Secção do Estado do Rio)

Séde — Rua da Conceição, 2 sob. — Tel. 2177 — NITHEROY

O GREMIO SILVA JARDIM HOMENAGEIA O SEU PATRONO — APOSTOLO DE BRAVURA CIVICA — Homenagens no dia de seu natalicio — 18 de agosto.

(Não haverá discursos; mas, exaltação civica).

SILVA JARDIM nasceu em Capivary no anno de 1860 e morreu em 1.º de Julho de 1891, no Vesuvio, o vulcão italiano em Napoles.

## EM NITHEROY

(A's 10 1/2 hs.)

— Romaria ao monumento da Republica (Praça Padre Feijó) onde se encontra a estatua de Silva Jardim (barca de 9,50 e de 10,10 no caes Pharoux).

O GREMIO SILVA JARDIM precisa dos brasileiros (que têm orgulho deste nome) em torno do brasileiro que mais expôz a vida pela Patria, empunhando esta arma — o seu civismo incomparavel.

## NO RIO DE JANEIRO

(De 4 1/2 até 5 e 15)

— Sessão civica na Associação Brasileira de Educação (Rua Chile 23, 2.º andar). Devem comparecer o Embaixador italiano, o aviador Ferrarin, o juriconsulto Clovis Bevilacqua, condiscipulo do patrono do Gremio e seu unico irmão sobrevivente, Gabriel da Silva Jardim. Em plena sessão, ao antigo escoteiro Armando da Silva Magalhães, (que salvou o aviador Ferrarin) — será conferido o primeiro "Premio EUCLYDES DA CUNHA: valor brasileiro", creado pelo G. S. J. no dia euclydeano, 15 ultimo. (Esse premio é um volume de "OS SERTÕES, o livro da raça brasileira, escripto pelo mais brasileiro dos brasileiros").

(A's 5 1/2 hs.)

— Romaria á casa n.º 17, da rua Silva Jardim (antiga travessa da Barreira) onde existiu a Societé Française de Gymnastique, ponto obrigatorio de reunião, para os propagandistas entre elles — SILVA JARDIM.

Trata-se, apenas, de solennidade civica. Foi supprimido qualquer caracter festivo; isto em homenagem a Del Prete — "peregrino audaz": filho da Italia, fallecido no Brasil. O G. S. J. assignala: Silva Jardim tambem foi — "peregrino audaz": filho do Brasil, fallecido na Italia.

A epopeia italiana de hoje lembra a grande tragedia brasileira de 1891.

Gloria a DEL PRETE — nas alturas!

Gloria a SILVA JARDIM — no seio da terra italiana!

AVE! LATINIDADE!

AVE! BRASILIDADE!"

## BALCÃO

## LIVROS A' VENDA:

Na *LIVRARIA UNIVERSAL* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.  
— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *LIVRARIA GAZEAU* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.  
— *Panorama* — 17 vs. enc.  
— *Lusitadas* — coment. por Faria e Sousa.  
— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.  
— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.  
— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.  
— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

## LIVROS PROCURADOS:

Pela *LIVRARIA UNIVERSAL*:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.  
— Ruy Barbosa — *Replica*.  
— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.  
— *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.  
— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.  
— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

## A assinatura anual

da

## REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO